

## SÍNTESE DO LIVRO *O SER E O NADA* DE JEAN PAUL SARTRE: O CONCEITO EXISTENCIALISTA DE ANGÚSTIA

Bruna Milene Ferreira\*

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

A angústia sartriana nada tem a ver com a agonia decorrente do medo, do desespero ou da ansiedade, pois angústia e medo não podem ser confundidos, dado que aquela diz respeito tão somente a mim, porque aquilo que realizo depende exclusivamente de mim, já o medo diz respeito ao que pode ocorrer comigo, ou seja, a algo exterior. A angústia em questão deve ser compreendida a partir da relação entre o que sou em um determinado momento, o que fui anteriormente e o que serei em um tempo futuro.

Vejamos tal relação primeiramente partindo do *presente em direção ao futuro*, a partir de um exemplo do próprio Sartre: quando escalo um penhasco, vejo-me diante de um precipício e experimento a sensação da possibilidade de cair nele e isso me atemoriza. A interiorização da situação que o medo me suscita, leva-me a uma maior precisão quanto aos meus movimentos. Esta atitude transforma o mundo em um conjunto de possibilidades controladas por mim por meio da minha escolha e ação. É importante ressaltar que essas possibilidades não se encontram no *em si (ensoi)*, elas representam na realidade a minha *situação*, cuja fonte obviamente sou eu: sou responsável pela existência das possibilidades que controlo através da minha escolha e ação, assim tais possibilidades não poderão determinar minha ação à revelia da minha vontade, cabe a mim escolher sempre a possibilidade a ser transformada em realidade. Convém esclarecer que, o eu responsável por tal transformação é um futuro estado do eu, e não o eu do presente, para quem a transformação não passa de possibilidade, não sendo ainda um fato. E não sou, pelo menos temporariamente, aquele futuro eu: “Eu sou o eu que serei à maneira de não sê-lo [...] a conduta decisiva emanará de um eu que ainda não sou” (SARTRE, 1997, p. 75). Desse modo, o eu que sou continuamente dependerá do eu que temporariamente não sou. As minhas decisões presentes não serão

---

\*Mestre em Ética e Filosofia Política pela UFG. Professora de Filosofia, MTC, Sociologia e Pesquisa Educacional na Faculdade Alfredo Nasser.

um embargo para minhas decisões posteriores, o que revela a imprevisibilidade do futuro.

O exemplo do abismo procurou ilustrar a relação entre o *para si*, seu passado e futuro, a partir da perspectiva do *presente-futuro*. Sartre nos dá outro exemplo que procura analisar tal relação através de outra perspectiva: a do *passado-presente*. Para tanto, ele descreve um jogador que tomou a decisão de não jogar mais. Diante da mesa de jogo, ele sabe que sua decisão passada é ineficaz, pois não há nada que o impeça de fato de jogar. Assim, o jogador apreende-se como separado daquele que foi. Ele terá então que retornar a cada instante à sua decisão e isso se dará a cada momento a partir do ponto zero de forma livre. Ele terá que se ver novamente diante do medo de decepcionar sua família, procurando restaurar constantemente a barreira entre ele e o jogo. O jogador experimenta novamente a vontade de se entregar ao jogo, depois de ter construído barreiras, depois de ter tomado uma decisão, passando a perceber com *angústia* que não há nada que possa representar uma barreira eficaz entre a mesa de jogo e ele.

A angústia consiste então na experiência da descoberta da liberdade, em outras palavras, ela é a consciência da liberdade. No entanto, é preciso esclarecer o seguinte: a angústia mencionada por Sartre só se dá no plano estritamente reflexivo – dimensão da consciência reflexiva. Afinal, enquanto o indivíduo permanece no plano da ação, da urgência do mundo, não se apreenderá como livre em relação àquilo que foi ou ao que será.

O tema da angústia remete à descoberta do homem como inteiramente livre no curso da sua vida. Assim, ela resulta da revelação da nossa própria liberdade sem impedimentos, cujo único limite é a própria liberdade. No entanto, se a angústia brota da descoberta individual da liberdade incondicional, ela é então, como diz Sartre, um fenômeno “raro”. Pois, a liberdade é descoberta, apenas reflexivamente: quando eu apreendo os meus possíveis – meu futuro – ao invés de realizá-los.

Sartre cunha dois exemplos para ilustrar essa ideia: o da campainha do despertador e o do escritor. A campainha do despertador que toca todas as manhãs remete à possibilidade de ir ao trabalho, e tal possibilidade é minha. Contudo, na maioria das vezes, não coloco em questão essa minha possibilidade, na maior parte dos atos cotidianos me engajo sempre realizando meus possíveis, ao invés de apreendê-los somente, o que faria nascer a angústia. Desse modo, eu me levanto, isto é, apreendo o

chamado da campainha e levantar-me representa uma atitude tranquilizadora, pois evita que eu me coloque o problema da recusa do trabalho e do mundo.

Eis agora o exemplo do escritor: questões postas por ele, tais como: “é oportuno escrever o livro neste momento?” são tranquilizadoras, dado que continuam remetendo às ações possíveis. “Este livro foi suficientemente meditado?”. “Seu assunto é de interesse suficiente?”(SARTE, 1997, p. 81). Tais questões fazem referência constante às exigências do mundo, e a angústia surgirá se essa série de referências for quebrada, isto é, se em sua relação comigo o livro aparecer. Aqui, contemplarei minha tarefa de escrevê-lo. Mas isso não é suficiente, pois preciso ainda apreender a decisão de escrevê-lo como separada de mim, neste caso devo me apreender como totalmente livre em relação àquele que fui, à decisão tomada, assim, nada poderá me obrigar a escrever o livro.

Segundo Sartre é bastante difícil viver com essa ideia de liberdade incondicional e por isso os homens procuram constantemente justificar seu comportamento, por meio de desculpas, em um mundo feito por eles, pelo qual são por isso responsáveis – este é o fenômeno da *má-fé* que representa uma negação da liberdade e um meio de escapar da angústia. Se somos definidos pela liberdade e igualmente pela tendência a nos livrarmos dela, então nos “deparamos” com a angústia, pois não podemos simultaneamente ser e não ser essa liberdade. A angústia é o reconhecimento de que o significado das coisas é atribuído por nós: “Eu me apercebo de mim mesmo como inteiramente livre e capaz de inferir o significado do mundo a não ser como provindo de mim próprio” (SARTRE, 1997, p. 84). Nós somos a fonte original da possibilidade, em última instância, construímos nosso próprio mundo e somos absolutamente responsáveis por tudo o que fazemos. Não se deve culpar a providência, a natureza ou o outro. Estamos condenados à liberdade.